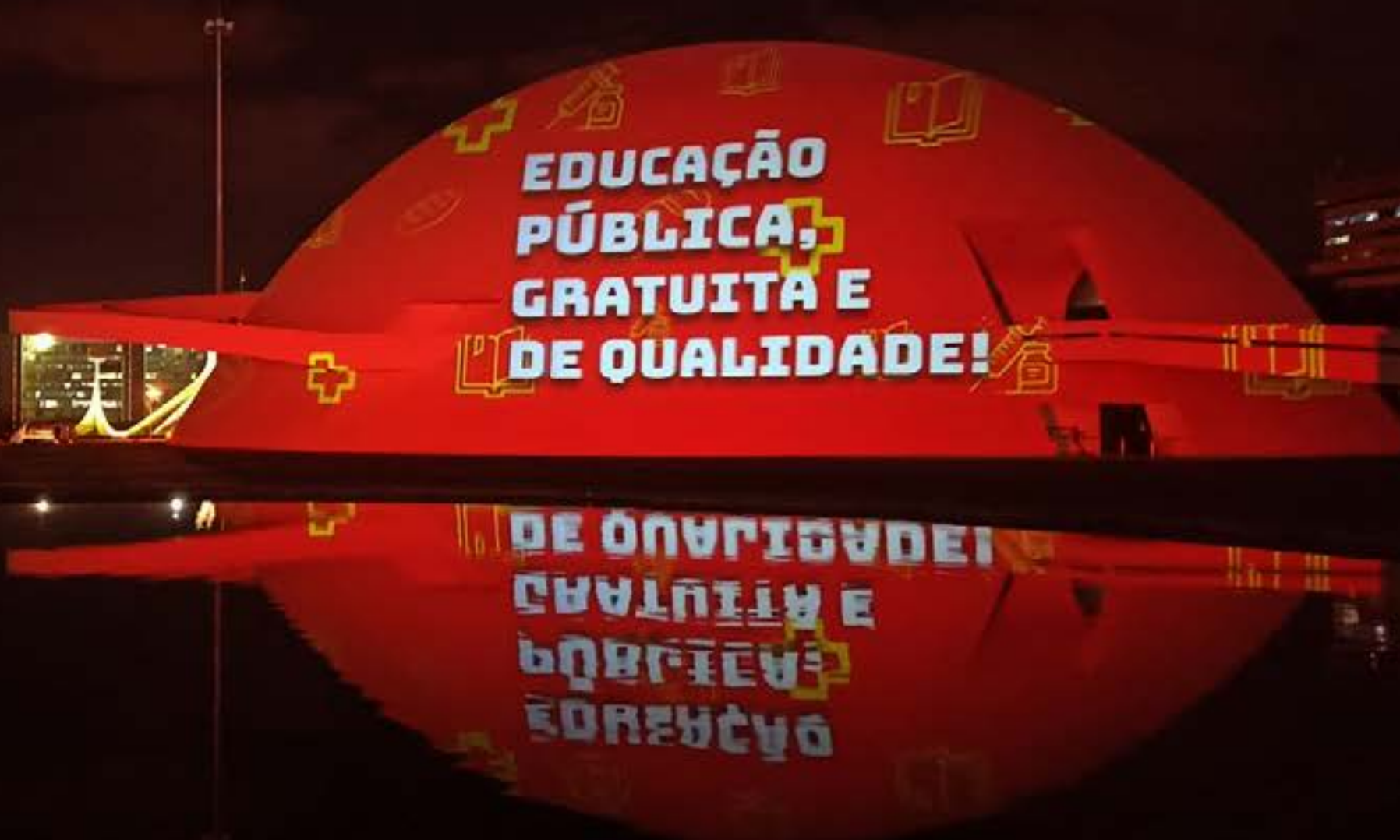


Lutar é resistir

Manifestações pelo país engrossam o coro por vacina, direitos e pelo fim do governo Bolsonaro

PÁGINA 6

Foto: ANDES-SN



LEIA TAMBÉM

■ Os desafios do ensino de Sexualidade e Gênero nas escolas

PÁGINA 8

■ Projeto Meninas na Ciência movimenta escola no interior do RS

PÁGINA 10

Eleita uma nova gestão para a ADUFPel

Após dois anos da gestão Unidade e Luta na diretoria da ADUFPel, no mês de maio foram realizadas as eleições para a próxima diretoria que assumirá a seção sindical. Com o nome de Autonomia e Luta, a chapa única inscrita para o processo eleitoral foi eleita com amplíssima maioria dos votos e, ainda, com grande participação da categoria na votação.

Mesmo em meio à pandemia e os diversos desafios que se apresentam para a vida, o trabalho e luta sindical; fiel à seus princípios, a democracia da ADUFPel se manteve como expressão maior de referência. Os desafios de realizar uma eleição com rigor democrático e respeito às normas sanitárias necessárias para o mo-

mento tiveram na Comissão Eleitoral uma condução fundamental para que todo o processo eleitoral corresse de forma adequada.

A gestão que se encerrou neste mês enfrentou um conjunto de situações decorrentes de um contexto completamente adverso para os trabalhadores e trabalhadoras, especialmente da educação federal. A intensificação dos ataques à educação pública por parte dos governos federal, estadual e municipal ampliou o quadro de precarização do trabalho e do ensino em todos os âmbitos. Enfrentamos e vencemos batalhas contra o programa Future-se do governo privatista, enfrentamos o “novo normal” do governo genocida Bolsonaro/Mourão de

intervenção nas instituições federais de ensino de não nomear reitores e reitoras eleitos por suas comunidades, incluindo a UFPel que hoje está sob intervenção federal e o reitor eleito não foi nomeado, portanto temos uma interventora à frente da instituição.

Para além das lutas contra os cortes orçamentários, projetos de privatização e intervenções autoritárias, também enfrentamos desde o início de 2020 a pandemia da Covid-19 que tem sido utilizada pelos grandes ricos e governos subordinados como política de morte, política genocida para atender os interesses privados que somente visam o lucro em detrimento à vida da população.

Ainda assim, muitas lutas foram realizadas e temos a certeza de que foram fundamentais para enfrentar os inimigos do povo trabalhador, que hoje estão no governo federal, nas bolsas de valores, nos latifúndios e nas instituições que operam a política de morte, das pessoas e dos direitos.

Temos a certeza de que a próxima gestão da ADUFPel seguirá firme na condução de nosso sindicato em defesa de nossos direitos e na conquista de melhores condições de trabalho. Desejamos sucesso à nova gestão e seguimos em marcha, ombro a ombro com os companheiros e companheiras que estarão na diretoria de nossa seção sindical.



Jornal VOZ DOCENTE / Publicação da Associação dos Docentes da UFPel - Seção Sindical do ANDES-SN (ADUFPel) . Tiragem: Digital (excepcionalmente durante a pandemia de COVID-19)

Redação: Gabriela Venzke (MTB 0016368/RS) e Andriolli Costa (MTB 896/MS) - Diagramação: Andriolli Costa. Capa: Andriolli Costa. adufpel.org.br

Presidenta: Celeste dos Santos Pereira
Primeira Vice-Presidenta: Angela Moreira Vitória
Segundo Vice-Presidente: Francisco Carlos Duarte Vitória
Secretária Geral: Miriam Cristiane Alves
Primeiro Secretário: José Carlos Marques Volcato
Segunda Secretária: Larissa Dall’Agnol
Primeiro Tesoureiro: Robinson Santos Pinheiro
Segundo Tesoureiro: Avelino da Rosa Oliveira
Terceiro Tesoureiro: Giovanni Ernst Frizzo

Contato: secretaria@adufpel.org.br / (53) 98405-3726
 Colaborações e sugestões para o jornal: imprensa@adufpel.org.br
 Endereço: Major Cícero de Góes Monteiro, 101 - Centro - Pelotas . Cep: 96015-190 .

ATENDIMENTO EXTERNO: suspenso durante pandemia de COVID-19. Procure a ADUFPel-SSind por meios digitais das 8h às 12h e das 14h às 18h.

MURAL

Chapa Autonomia e Luta é eleita para direção da ADUFPeI

No dia 25 de maio foi eleita a nova Diretoria e o Conselho de Representantes da ADUFPeI. A chapa única, “Autonomia e Luta” recebeu a maioria dos votos e estará à frente da gestão 2021-2023 da entidade. Foram 285 votos totais, sendo 271 na chapa única, 8 em branco e 6 nulos. A homologação ocorreu no dia 27 e, neste ano, excepcionalmente, o pleito ocorreu em formato virtual.

O grupo, composto por nove integrantes, traz como presidente a professora de licenciatura em Música da UFPel, Regiana Wille, e vice-presidente o professor aposentado Luiz Henrique Schuch.

Entre as principais propostas da chapa estão: a defesa da democracia; a defesa mais ampla dos serviços públicos de qualidade, como direito de cidadania; a autonomia universitária e o dever do Estado com seu financiamento; o direito inalienável à organização trabalhista; a ADUFPeI como organização de base do ANDES-SN defensora de sua filiação à Central Sindical e Popular (CSP-Conlutas). Confira a entrevista de Regiana:

VD: O que destacaria desse processo eleitoral excepcional devido à pandemia?

Regiana: Em primeiro lugar, de todo o processo eu destaco a impossibilidade de nos encontrarmos pessoalmente, de estarmos juntos como colegas de trabalho, de companheiros que dividem as mesmas lutas. Me refiro principalmente ao momento inicial, das primeiras reuniões para compor-

mos a chapa, para pensarmos o conteúdo programático. Enquanto pessoas que se aproximam por compactuarem das mesmas premissas, esse fato, para mim, foi especialmente marcante. Estamos todos há mais de um ano longe uns dos outros fisicamente, nos encontramos em reuniões virtuais, só conversamos através das redes sociais, não é possível ir à sede do nosso sindicato, não é possível que façamos um encontro e olharmos nos olhos uns dos outros. Nossa chapa não pode fazer uma foto junto. Nossas reuniões foram várias, mas de forma remota e por vezes com problemas de conexão, falta de energia elétrica e limitação de imagem. Da mesma forma, não foi possível conversarmos com os outros sindicalizados e sindicalizadas, de encontrarmos os colegas professores nas unidades, reuniões presenciais onde pudéssemos ver os rostos, conversar nos corredores, nos prédios, enfim. Mesmo virtualmente, foi um processo eleitoral de muito aprendizado, de encontro de ideais e de realizarmos aproximações mesmo que distantes.

VD: Para esse início de biênio, de que forma a gestão pretende dar seguimento às principais frentes de atuação da ADUFPeI? Quais serão as lutas prioritárias?

Regiana: Nós compusemos esse grupo enquanto professores/as da UFPel referenciados/as como trabalhadores/as da educação. Dessa forma assumimos um compromisso e iremos nos empenhar na defesa

da universidade pública, gratuita, laica, democrática, inclusiva e de qualidade social e ambientalmente referenciada. Consideramos a universidade como direito humano emancipador na construção histórico-social do conhecimento.

Nossa posição se firma na luta classista mais geral, em defesa das condições de trabalho e dos direitos docentes, destacando a importância da nossa organização sindical como canal de expressão coletiva e organizada da categoria, com disposição de luta. Nossas conquistas só serão realizadas no coletivo e sabemos da enorme responsabilidade que significa enfrentarmos a conjuntura adversa pela qual estamos passando à frente da seção sindical. Estamos cientes da situação de crise estrutural mundial do capital e que isso, com certeza, repercute em nosso país. Além disso, vivemos sob uma pandemia descontrolada e ainda sob influência de um governo antissocial, que despreza a vida e orienta ataques aos serviços públicos, incluindo Saúde e Educação, colocando em risco a própria existência da universidade pública.

Esses desafios só poderão ser vencidos se nos agregarmos enquanto um conjunto dos/as sindicalizados/as, aproximando a atuação da entidade com o dia a dia das unidades, aperfeiçoando as formas e métodos com base na experiência sindical amadurecida durante quatro décadas e atuando como expressão do coletivo, a partir das decisões das instâncias democráticas.

VD: Qual a importância da articulação docente nesse período de uma política que busca destruição dos serviços públicos e enfraquecimento dos servidores?

Regiana: É necessário que, enquanto um conjunto dos/as sindicalizados/as, nós estejamos fortalecidos aqui na base, que é ADUFPeI-SSind. Enquanto Associação criada em 1979, nos constituímos como uma seção sindical do ANDES a partir da homologação desse último como Sindicato Nacional pelo Ministério do Trabalho (1988). De lá para cá, muitas foram as influências nos debates em torno dos interesses imediatos da categoria docente no campo dos direitos trabalhistas, de organização ou mesmo de representação, sem deixar de lado a sua visão de entidade que luta pelos interesses da classe trabalhadora como um todo. São anos de lutas e conquistas, e muitos embates nem sempre positivos, mas persistimos porque acreditamos na unificação efetiva das lutas dos trabalhadores do setor da educação de todas as esferas. Mas como já afirmamos no nosso conteúdo programático: *O momento exige ousadia! Não há alternativa senão as lutas populares e sindicais na defesa radical da universidade pública, gratuita, laica, democrática, inclusiva e social e ambientalmente referenciada. Em defesa da vida, renda básica e vacina para todos/as pelo SUS. Fora Bolsonaro e Mourão. Ensino público e gratuito: direito de todos e dever do Estado.*





Cena de Na Fila do SUS, de Ellen Francisco

Documentários acendem alerta sobre saúde pública

Se os impactos negativos do sucateamento da saúde pública já são sentidos no dia a dia, tanto por aqueles que necessitam de atendimento quanto pelos profissionais da área, durante uma pandemia são ainda mais evidenciados.

Não é de hoje que a saúde pública é alvo de uma política de desmonte. A degradação do Sistema Único de Saúde (SUS) é um problema estrutural que já vem de muito tempo e, agora, está exposto, revelado na falta de leitos de UTI para pacientes de Covid-19, insuficiência de equipamentos, medicações e materiais. Única opção para milhões de brasileiros e brasileiras, o SUS vive a explosão de atendimentos em hospitais, que sofrem até mesmo, em alguns lugares, com falta de sabão.

Apesar da situação crítica,

ao sancionar o orçamento de 2021, o governo Bolsonaro não poupou nem mesmo a pasta da Saúde e passou a tesoira. O corte no Ministério foi de mais de R\$ 2 bilhões e afetou as ações de enfrentamento à pandemia e o projeto de custeio para assistência hospitalar e ambulatorial. Na Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), três programas de pesquisa, desenvolvimento tecnológico e inovação sofreram redução de R\$ 10 milhões.

“Na Fila do SUS”

Esse cenário precarizado inspirou a websérie documental “Na Fila do SUS”, que estreou em 13 de abril na plataforma online Bombozila. A produção independente, de financiamento coletivo, começou a ser gravada em 2020 e contou com o apoio

do sindicato dos trabalhadores da Fiocruz e de profissionais de saúde de todo Brasil.

Cada episódio trata de um tema: população de rua, indígenas, linha de frente, uberização da vida e saúde nas vilas e favelas. A direção é da profissional e pesquisadora em saúde pública, Ellen Francisco, que buscou registrar, em diferentes perspectivas e regiões do país, os impactos do desmonte das políticas sociais na saúde de populações vulneráveis, ressaltados pela pandemia.

O episódio de estreia, chamado “O povo da Rua”, foi gravado na cidade de São Paulo, com a participação do padre Júlio Lancelotti - conhecido pelas suas ações sociais -, e trata da população em situação de rua e usuária de drogas. A cidade foi escolhida por não ter políticas pú-

blicas voltadas a essa parcela.

Já o segundo debate a luta dos povos indígenas em defesa de seus territórios e do direito à saúde, além de denunciar a influência do agro-negócio nas áreas de preservação ambiental da Amazônia. No terceiro, é promovido um debate sobre a vulnerabilidade da população negra e de favela no Rio de Janeiro, devido ao racismo estrutural e ao abandono do Estado.

O quarto episódio aborda a luta dos trabalhadores da saúde em defesa do SUS, que relatam a rotina na linha de frente no enfrentamento à Covid-19. O quinto foi gravado em Porto Alegre e mostra a precarização da saúde na cidade, bem como a batalha de moradores nas vilas em busca de garantir o mínimo para sustentar suas famílias. Por fim, o último foca na explo-



Sobrevivente do incêndio na boate romena

ração de trabalhadores que atuam nos serviços de delivery e a chamada “Economia de Plataforma”. Todos os episódios contam com a participação de pesquisadores e acadêmicos especialistas no assunto.

A plataforma de streaming Bombozila é conhecida por seu catálogo voltado

às lutas sociais. São mais de 500 documentários independentes sobre luta e resistência não só no Brasil, mas no mundo todo. Foi criada em 2016, no RJ, pela comunicadora chilena, Sabina Alvarez, e pelo cineasta brasileiro, Victor Ribeiro.

“Collective”

A situação da saúde pública não é muito diferente na Romênia e foi exposta no documentário indicado em duas categorias do Oscar neste ano, de Melhor Documentário e Melhor Filme Internacional. A produção foi construída como uma obra investigativa e de denúncia que, a partir de um incêndio semelhante ao que ocorreu com a boate Kiss em Santa

Maria (RS), expôs a corrupção envolvendo todas as camadas do sistema de saúde do país.

Em 2015, a boate Colectiv, de Bucareste, sofreu um incêndio de grandes proporções durante a apresentação de uma banda de rock, resultando, inicialmente, na morte de 27 jovens e 180 feridos. No entanto, parte daqueles que sobreviveram, mesmo com ferimentos leves, acabaram falecendo no hospital nas semanas seguintes.

A situação chamou atenção sobre o que realmente teria levado essas pessoas à morte e fez com que a equipe de um jornal esportivo se mobilizasse para apurar o ocorrido. Liderada pelo editor Catalin Tolontan, os repórteres da Gazeta Sporturilor descobriram

que as mortes estavam sendo causadas por uma epidemia de infecções hospitalares por toda a Romênia, por conta do uso de desinfetantes diluídos.

Com o objetivo de potencializar os lucros, a indústria farmacêutica Hexi Pharma estava vendendo produtos adulterados para vários hospitais romenos. Os desinfetantes, que deveriam ser usados para esterilizar as instituições, eram tão diluídos que não atingiam a eficácia necessária. Muitas das pessoas que sobreviveram à tragédia, acabaram falecendo por infecções de superbactérias.

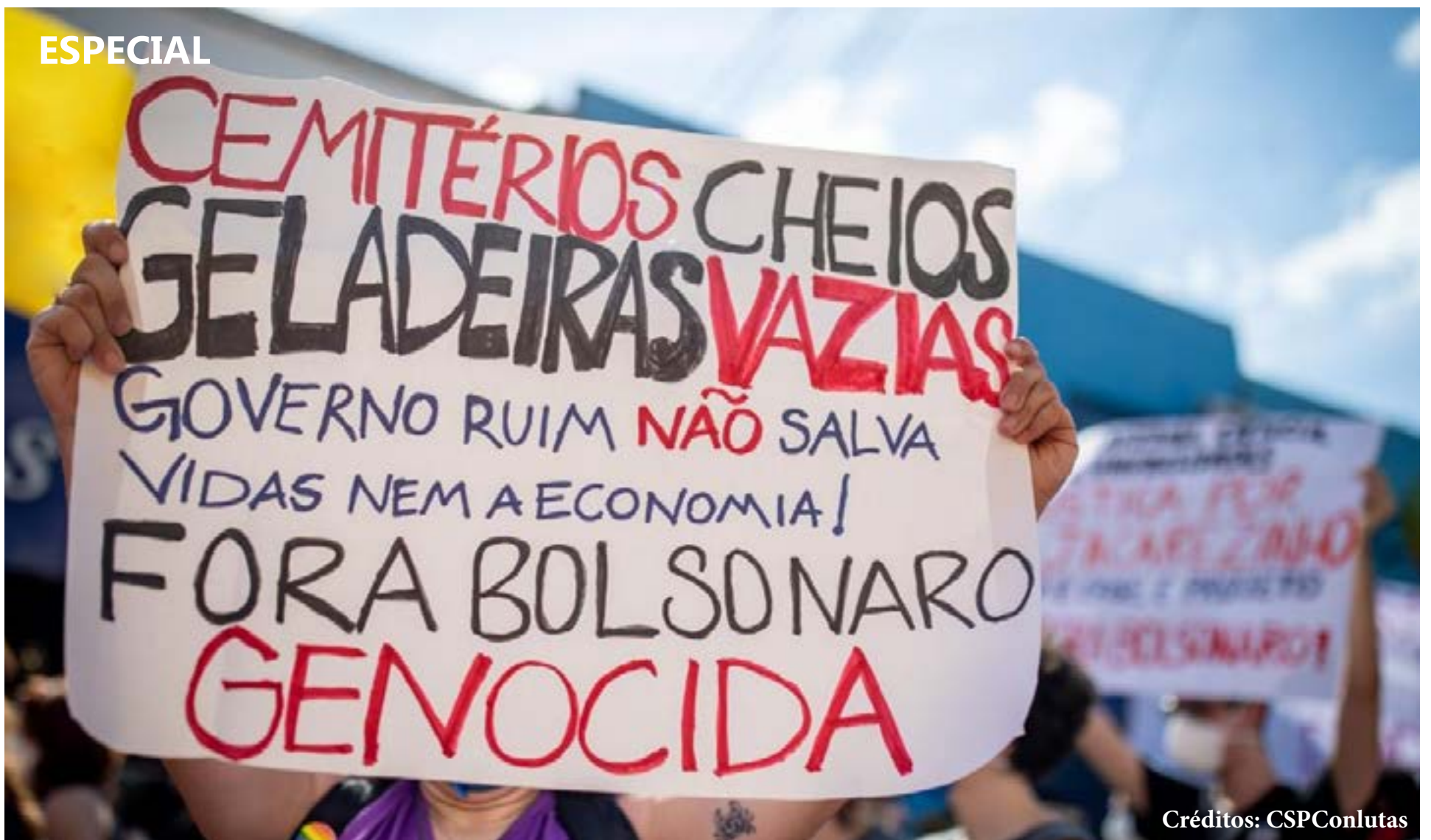
Além de acompanhar os jornalistas durante a investigação, o filme também mostra como o governo tentou conter a crise. A situação se transformou em um escân-

dalo de saúde pública, envolvido por uma rede de corrupção, que mobilizou a população. As matérias publicadas frequentemente pelo veículo, somadas a uma série de protestos, pressionaram os líderes do Partido Social-Democrata e provocaram a demissão do ministro da Saúde.

O documentário foi lançado em 2019 no Festival de Veneza e é inteiramente produzido, dirigido, roteirizado e editado pelo romeno Alexander Nanau. Antes do Oscar, o cineasta rejeitou uma medalha do presidente romeno Klaus Iohannis e o criticou pela forma como geriu o setor cultural durante a pandemia.

Muitos que sobreviveram à tragédia, acabaram falecendo por infecções de superbactérias.





Créditos: CSPConlutas

Trabalhadores lutam por vacina, pão, saúde e educação

O projeto do governo Bolsonaro é de destruição de direitos e do estado brasileiro. Desde sua posse, o presidente (sem partido) tem atuado cotidianamente em diversas frentes com o objetivo de desmontar as instituições públicas, enfraquecer os servidores, e retirar os direitos da maioria da população brasileira. Tudo isso, com o apoio de setores ultraconservadores da sociedade.

Bolsonaro conduz o país para a beira de um abismo e, durante a pandemia, a situação tornou-se insustentável. São alarmantes os números registrados de miséria, desemprego e mortes por Covid-19. Segundo dados do Ministério da Cidadania, em 2021 o Brasil alcançou a marca de 39,9 milhões de pessoas que vivem em extrema po-

breza, número maior que a população total do Canadá, por exemplo. E o desemprego atinge, hoje, 14,4 milhões de pessoas - maior contingente desde 2012.

Junto a isso, o governo põe em prática uma política genocida, que resultou na morte de mais de 450 mil brasileiros e brasileiras, dá prosseguimento à Reforma Administrativa, aumenta os cortes orçamentários nas Instituições Federais de Ensino Superior (IFES), amplia as privatizações, entre tantas outras graves medidas, que corroboram cada vez mais para o fortalecimento do enfrentamento.

Maio: mês de luta

Diante deste cenário, movimentos e entidades representativas têm articulado

uma série de mobilizações, e maio, para os servidores públicos, foi um importante mês de luta, repleto de atos e paralisações, com o objetivo de denunciar o governo Bolsonaro e Mourão e sua política de desmonte, precarização e morte.

Mesmo consciente dos riscos sanitários em promover atos públicos, a população voltou a ocupar as ruas com protestos em defesa da vida, por compreender que, neste momento, o governante do país é o que pode haver de mais ameaçador, sendo responsável direto pela situação que hoje está posta. A primeira mobilização aconteceu no dia 19 e foi virtual. O ANDES-SN, juntamente às suas Seções Sindicais, organizou um Dia de Luta e Resistência em Defesa da Educação.

A data foi marcada pela participação de diversas categorias de profissionais da área da educação e estudantes. Juntos, realizaram manifestações contra os cortes orçamentários nas instituições públicas de ensino superior, contra o Projeto de Lei (PL) 5595/20 - que quer transformar a educação em serviço essencial mesmo durante a pandemia -, contra a Reforma Administrativa e pelo Fora Bolsonaro e Mourão.

A mobilização foi uma deliberação dos Setores das Instituições Federais (Ifes), Estaduais e Municipais de Ensino Superior (Iees/Imes) do Sindicato Nacional e integrou a Semana de Lutas do Setor das Iees e Imes, realizada entre 17 e 21 de maio.

No dia, docentes da Universidade Federal de Pelotas

e do IFSul-CaVG paralisaram as atividades e durante o horário do e-aula, exibiram um card aprovado durante a Assembleia Geral da ADUFPel, informando o motivo da não-realização da aula remota. Além disso, a ADUFPel participou do tuitaço nacional, divulgou cards informativos nas redes sociais e percorreu a cidade com carros de som sobre os principais ataques aos servidores e à população.

O ANDES-SN promoveu uma live pelo dia de luta com o mote “A educação precisa resistir” e fez uma intervenção no Museu Nacional de Brasília, onde projetou mensagens de alerta sobre os retrocessos nas áreas da saúde e da educação.

A voz contra o governo Bolsonaro foi ampliada em 29 de maio, no Dia Nacional de Mobilização por vacina, pão, saúde e educação. A população brasileira tomou as ruas, seguindo os protocolos de segurança sanitárias, para reivindicar também Auxílio Emergencial de R\$ 600 e se posicionar contra a Reforma Administrativa, as privatizações e os cortes na educação.

Em Pelotas, a Frente em Defesa do Serviço Público, das Conquistas Sociais e Trabalhistas (Frentão), da qual faz parte a ADUFPel, realizou um ato sem aglomeração, das 10h às 13h, em frente à Prefeitura, onde foram instaladas, por quem passava pelo local, cruzeiros, simbolizando as centenas de milhares de vidas perdidas durante a pandemia. Um microfone também esteve disponível para manifestações.

Reforma Administrativa

São muitas as pautas de luta da classe trabalhadora neste momento. Uma delas é a Reforma Administrativa que, recentemente, deu mais

um passo. No dia 25 de maio, por 39 votos a 26, a Comissão de Constituição e Justiça (CCJ) da Câmara dos Deputados aprovou a Proposta de Emenda Constitucional (PEC) 32/202. A medida representa um grande ataque à população brasileira, pois promove o

desmonte dos serviços públicos e a retirada de diversos direitos e garantias dos servidores e servidoras. O texto segue agora para análise de uma Comissão Especial, onde pode sofrer alterações.

A PEC 32/2020 restringe a estabilidade no serviço público e cria cinco tipos de vínculos de trabalho com o Estado, fragilizando as relações de trabalho e facilitando o apadrinhamento e a corrupção no serviço público.

Privatizações

O Ministério da Economia, conduzido por Paulo Guedes, foi estruturado para priorizar as privatizações de estatais, com o objetivo principal de reduzir o tamanho do Estado. O governo chegou a lançar o Programa de Parcerias e Investimentos, no qual incluiu mais de 50 empresas, subsidiárias e ativos públicos para serem vendidos ao setor privado. A mais recente na mira é a Eletrobras.

A Câmara dos Deputados aprovou, na madrugada do dia 20 de maio, a Medida Provisória (MP) 1031/21, que viabiliza a sua privatização. A estatal, vinculada ao Ministério de Minas e Energia, é responsável

por 30% da energia gerada no país e sua privatização deverá significar um aumento de tarifa de cerca de 20% nas contas de luz das residências, pelo período de 30 anos.

Cortes e intervenções

As IFES, que sofrem com encolhimentos orçamentários desde 2013, estão vivenciando, agora, um dos seus piores momentos. A partir do anúncio, pelo governo federal, de um novo corte de R\$ 1 bilhão, no orçamento discricionário para este ano, as instituições correm risco de fechar as portas. O valor é 18,2% menor que o de 2020, sem a correção da inflação.

A medida afetará as 69 instituições de ensino vinculadas à União e trará prejuízos ao ensino, pesquisa, extensão e à assistência estudantil. Na UFPel, a situação é crítica e a verba garante o seu funcionamento apenas até setembro, conforme o que foi anunciado pela Reitoria.

PL 5595

O Projeto de Lei, que reconhece a Educação Básica e o Ensino Superior, em formato presencial, como serviços e atividades essenciais, ou seja, proíbe a suspensão de aulas presenciais durante pandemias e calamidades, foi aprovado na Câmara dos Deputados na madrugada do dia 21 de abril e aguarda audiência pública antes de ser reincluído na pauta do Senado.

As consequências ao es-

tender a essencialidade à educação são preocupantes, já que ao fazer isso as escolas ficam impossibilitadas de parar independentemente do contexto vivenciado. Em um momento como o que vivemos hoje, de agravamento da pandemia, com altos índices de contágio e de óbitos, significa comprometer a vida de docentes, de alunos, de demais profissionais da educação e da sociedade como um todo.

Vacina para todos

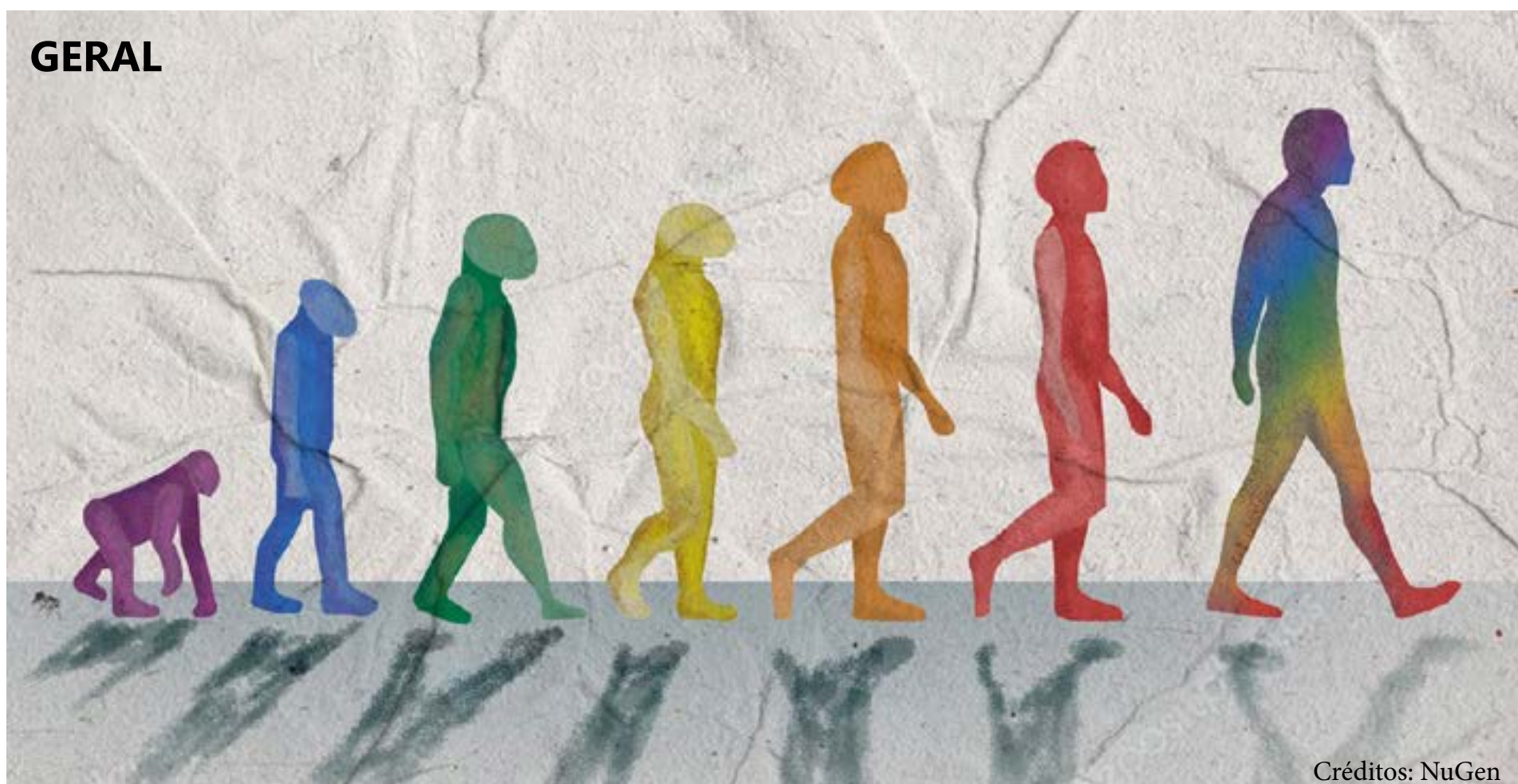
A imunização de toda a população anda a passos lentos no Brasil, resultante das escolhas políticas do governo Bolsonaro, que recusou a compra de vacinas e promove, assim, o genocídio da população brasileira.

Essa é uma pauta central para o ANDES-SN. O Sindicato defende a vacinação como estratégia coletiva, baseada na ciência e entende que o Plano Nacional de Imunização deve contemplar toda a população brasileira. Ao mesmo tempo, indica que é preciso acelerar o processo de imunização, com a compra dos insumos necessários à fabricação no país. Neste sentido, a categoria docente defende a ampliação da vacinação antes de qualquer retorno às aulas presenciais.

O ANDES-SN defende a vacinação como estratégia coletiva, baseada na ciência.



Créditos: ADUFPel



Créditos: NuGen

Gênero, uma pauta inevitável

Expressão ventilada por políticos conservadores, especialmente durante a campanha política de 2018, a assim chamada “ideologia de gênero” figurou até mesmo no discurso de posse do presidente Jair Bolsonaro. Acusado, o governante encontra nesse discurso cada vez mais radical e pouco específico uma estratégia para manter o apoio do núcleo duro do extremismo.

Exemplo disso foi seu discurso em Terenos, Mato Grosso do Sul, no dia 14 de maio. “Se dependesse daquela minoria ativa de esquerda, teríamos hoje ideologia de gênero como uma regra no Brasil e outras coisas absurdas. Vocês sabem do que a gente está falando”. O presidente não especificou, afinal, do que estava falando. É a abertura perfeita para o conspiracionismo que sustenta seu apoio.

Mais do que histeria, o discurso da imposição de uma “ideologia de gênero”

serve de combustível para projetos políticos, estes sim, ideológicos, para censurar ou dificultar qualquer tipo de discussão de pautas ligadas a gênero, corporalidades e sexualidades nas escolas. O

reforço a uma série de visões pré-concebidas de que educação sexual é erotizar a criança, e não protegê-la; ou de que discussão e entendimento

pervertem a ideia de família.

Em 2020, a Justiça derrubou diversas leis municipais que barravam a pauta nos currículos escolares, transmitindo uma mensagem clara sobre a inconstitucionalidade desses processos. Vitória mais recente foi em Campina Grande/PB. A lei 6.950, de autoria do ex-vereador Pimentel Filho, foi sancionada em 2018, pelo então prefeito, Romero Rodrigues

– ambos do PSD.

Ela versava sobre a necessidade de proteger a família contra “material impróprio ou inadequado para crianças e adolescentes”, e especificava: “contenham imagens

ou mensagens sexuais com conotação intencionalmente erótica, obscena ou pornográfica, material relacionado à ideologia de gênero”.

O não cumprimento da lei acarretava em notificação para retirada do material, multa de R\$ 1 mil, suspensão do alvará de funcionamento ou até a instauração de uma sindicância para apurar as responsabilidades. Após três anos de abuso, a lei foi finalmente suspensa em 14 de abril de 2021, por ação impetrada pelo PT da Paraíba.

No Rio Grande do Sul, a cidade de Caxias do Sul che-

gou a ter um projeto de lei proposto pelo próprio prefeito. Daniel Guerra (PRB), que sofreu impeachment no ano seguinte, apresentou em dezembro de 2018 a proposta que pretendia proibir a construção, divulgação e apreciação de material que dispunha sobre “ideologia e/ou identidade de gênero” nas escolas municipais.

Protocolado em regime de urgência, sua justificativa era de que os planos estadual e nacional da educação já haviam retirado as expressões “ideologia de gênero”, “identidade de gênero” e “orientação sexual”. Um exemplo de como os desmandos das instâncias de poder servem de inspiração para que ações semelhantes se repliquem. Para o político, o projeto garantiria liberdade de consciência, crença e de aprendizado pelos alunos. É a falta de liberdade sendo utilizada para defender liberdades. O projeto foi arquivado pela Câmara meses depois.

Mais do que histeria, “ideologia de gênero” serve de combustível para projetos políticos de censura.

Já em Pelotas foi um ve-
reador, Salvador Ribeiro
(MBD), que apresentou PL
semelhante. Na esteira do
Escola Sem Partido, o pro-
jeto se estendia para além
da questão curricular. Cen-
surava também todas as for-
mas de exposição do tema
em locais públicos em even-
tos patrocinados pelo gover-
no. Devidamente combatida
por meio de mobilizações
de diversos setores de luta,
inclusive a ADUFPe, a
proposta foi arquivada.

Educação

Em entrevista ao podcast
Viração, a ativista e escritora
Atena Roveda defende que,
diante desse cenário de im-
posição da ignorância, cabe
ao educador ir além da apos-
tilla. "É possível falar em gê-
nero, em sexualidade, sem
usar nenhuma dessas pala-
vras. Não precisamos estar
presos ao currículo".

Mulher trans, Atena en-
controu na literatura e na
poesia caminhos para discu-
tir muito do que a academia
circunscreve ao seu próprio
entorno. Para ela, a sua pró-
pria existência no mundo
é uma forma de falar sobre
gênero. A estratégia, então,
seria tornar essas vozes di-
versas e plurais cada vez
mais presentes na educação.
Seja na forma de professo-
res, mediadores, alunos e na
produção textural e artística
consumida. São formas de
naturalizar as vivências.

Por sua vez, a professora
da Escola Superior de Edu-
cação Física da UFPel, Eliane
Ribeiro Pardo, não acredita

em mascar-
ar a dis-
cussão.
Para ela es-
tes temas
precisam
ser encara-
dos de fren-
te, com os
nomes que
lhe são de-
vidos. Há
trinta anos
como do-
cente na

Universidade, e tendo acom-
panhado a evolução da dis-
cussão sobre a pauta, ela é
otimista: "Esse discurso obs-
curantista do poder vai passar,
mas a gente continua".

Falar sobre o tema, lem-
bra a professora, é falar de
diversidade, mas também
da violência motivada pelas
questões de gênero. Nos pri-
meiros meses de pandemia,
entre março e abril de 2020,
o número de feminicídios
aumentou em 22% no Bra-
sil. Até dezembro passado,
estados como Mato Grosso,
Amazonas tiveram aumen-
to de até 73% no número de
mulheres assassinadas.

Já em um dossiê da Asso-
ciação Nacional de Travestis
e Transexuais (Antra), des-
cobrimos que o índice de
pessoas trans assassinadas
em 2020 aumentou em 41%
em relação ao ano anterior.
Silenciar, percebemos, não é
uma opção.

Eliane foi uma das funda-
doras do Núcleo de Gênero
e Diversidade, o Nugen, na
UFPel. E reconhece que o
apoio institucional é funda-
mental. Em um contexto de



Escola Sem Partido, em que
alunos são incitados - às ve-
zes pelos próprios pais - a
gravar a expor professores
que infriam o pacto conser-
vador em nome da "moral e
dos bons costumes", o edu-
cador fica desamparado sem
o suporte da instituição.

Cada vez mais profes-
sores e professoras preci-
sam estar preparados para
enfrentar estas questões. A
própria Eliane, que vem dos
estudos feministas, disse que
precisou de envolvimento e
dedicação para mergulhar
nos estudos sobre a vivên-
cia trans. Nesse sentido, seus
alunos e os diálogos que es-
tabelecia com os mediadores
foram também grandes ensi-
nadores.

A professora é responsá-
vel por uma disciplina que,
desde a sua criação, vem lo-
tando turma atrás de turma
em tempo recorde. Trata-se
de "Corpos, Gêneros e Se-
xualidades", hoje ministrada
virtualmente devido à pan-
demia. Na pauta, movimen-
tos feministas e LGBTQs, teo-
ria queer e, claro, o gênero
enquanto construção social,

num entrecruzamento entre
referências científicas e vi-
vências.

Entre os temas dos en-
contros estão estudos sobre
transgêneros, feminismos,
padrões corporais, lutas
LGBTs, cinema queer, gordo-
fobia, novas masculinidades,
redução de danos, hormoni-
zação, ativismo, mulheres e
religiosidade, casas de aco-
lhida, feminismo negro, mu-
lheres e treinamento físico e
assim por diante. Os conte-
údos são desenvolvidos atra-
vés de atividades teóricas e
práticas, exposição, debates,
aulas abertas, roda de con-
versa, material visual, mesa
redonda com participação
de convidados.

Para a professora, são es-
paços de "desmanche cons-
tante de territórios existen-
ciais, lugar por excelência de
experimentação de descon-
fortos". No entanto, a busca
é sempre pela construção de
um ambiente em que todos
se sintam seguros para exer-
cer a dialogia e o encontro.
Estar desconfortável é carac-
terística inicial para o apren-
dizado.



Para escutar



Atena Roveda foi a entrevistada
do episódio 77 do Viração, que foi
ao ar no dia 31 de maio. Ao longo
da entrevista, que começa com uma
apresentação de Slam que ela ven-
ceu em Porto Alegre, entendemos
mais sobre sua visão a respeito de

performances, identidades e corpo-
ralidades. A relação é indissociável.
Não por acaso, ela carrega tatuada
na pele o título de quatro livros (três
dos quais já publicados). É a arte
que atravessa corpo e pensamento.

[OUÇA O PODCAST](#)



Projeto Meninas na Ciência movimenta escola no interior do RS

Créditos: LCCBio



Logo na primeira atividade, a discussão rendeu frutos. As alunas, todas do 9º ano em 2019, deveriam fazer um levantamento de cientistas mulheres. Ada Lovelace, Marie Curie... Havia várias, mas porque seus nomes não eram tão lembrados quanto os dos homens? A resposta veio das próprias alunas: ainda havia muita invisibilidade sobre o trabalho das mulheres – em especial nas ciências.

É justamente na busca por mudar esta situação que surge o projeto de extensão Meninas na Ciência, que traz como mote “o uso de temas motivadores para atrair novos talentos para a química”. Coordenado pela professora da UFPel Márcia Foster Mesko, o projeto é vinculado ao Laboratório de Controle de Contaminantes em Biomateriais (LCCBio) e tem financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecno-

lógico, o CNPq.

Graças ao financiamento, foi possível garantir três bolsas de iniciação científica júnior na escola parceira: a Escola Municipal Margarida Gastal, em Capão do Leão – RS. Isso estimulou a dedicação das participantes e ainda fez a diferença no orçamento reduzido das famílias das alunas.

A ludicidade foi um dos caminhos encontrados para aproximar as crianças do conhecimento científico. Uma das atividades propostas, por exemplo, foi a criação de um bingo da tabela periódica. Outra estratégia para aproximar as alunas de conceitos abstratos, como os da Química, foi a visita ao laboratório. Lá, elas puderam ver experiências científicas com itens do cotidiano: detergente, açú-

car, leite, água oxigenada e assim por diante.

Por certo fica muito mais fácil compreender discussões sobre polaridade, tensão superficial, equilíbrio químico ou reações exotérmicas ven-

do tudo na sua frente. A diversão das meninas foi replicar algumas das experiências para seus colegas depois – e tudo com supervisão.

Professora de ciências na escola há 21 anos, Viviane Costa, conta que o envolvimento das meninas foi apenas o começo. “Houve um enorme ganho de conhecimento, práticas e experiências que instigou a curiosidade de toda a turma”. Prova disso é que a feira de ciências da escola, que há anos não acontecia, foi retomada por

conta da empolgação do coletivo.

Com o fim de 2019, as alunas se graduaram no 9º ano e foram para outra escola cursar o nível médio ou o técnico – muitos em cursos que tinham a Química como base. Em 2020, com a pandemia, a ideia arrefeceu. Isso até que a professora Márcia Mesko e sua equipe foram surpreendidos com um pedido dos alunos: eles queriam dar continuidade ao projeto, mesmo que fosse com atividades remotas.

Adaptações foram necessárias, mas o objetivo de aproximação com as ciências permanece. As novas integrantes do projeto agora gravam vídeos para o YouTube executando e explicando experiências e se debruçaram na escrita, gravação e edição de um podcast sobre o Meninas na Ciência. O resultado, e todo o material didático, você encontra [aqui](#).

"Houve um enorme ganho de conhecimento que instigou a curiosidade da turma", reforça Viviane Costa.

ANDES-SN convoca para 12º Conad Extraordinário



Por meio de uma circular publicada em 18 de maio, o ANDES-SN lançou convocatória para o 12º Conad Extraordinário. De acordo com seu estatuto, o conselho da categoria docente se reúne “extraordinariamente quando requerido por um quarto (1/4) das seções sindicais ou pela diretoria, em data e local fixados por quem o requerer”. No caso, o documento contemporiza a necessidade das discussões frente a um cenário de preocupante avanço da pandemia da COVID-19 no Brasil, com o registro de mais de 460 mil mortes.

O Conad será realizado nos dias 2, 3 e 10 de julho de 2021

por meio eletrônico, em caráter excepcional, e terá como tema central “Em defesa da vida, da educação pública e dos serviços públicos: resistir é preciso!”. O credenciamento prévio deverá ser realizado por meio de um sistema digital. Todas as seções sindicais podem acessar o sistema pelo link: credenciamento.andes.org.br. As seções sindicais que realizaram credenciamento via sistema para o congresso anterior, o 11º CONAD Extraordinário, poderão utilizar a senha cadastrada naquela ocasião. Podem ser credenciados uma pessoa para ser delegada e até duas para serem observadoras ou suplentes.

PROPOSTA DE CRONOGRAMA		
02/07	03/07	10/07
MANHÃ 9h-10h - Plenária de Abertura 10h-12h - Plenária de Instalação * Aprovação do Regimento * Aprovação do Cronograma e pauta	MANHÃ 9h-10h - Grupos Mistos Tema III - Plano de lutas dos setores	MANHÃ 9h-12h - Plenária do Tema III - Plano de Lutas dos Setores
TARDE 14h-16h - Plenária de Conjuntura 16h-17h - Intervalo	TARDE 14h-16h - Plenária do Tema II - Questões Organizativas e Financeiras	TARDE 14h-16h - Plenária do Tema III - Plano de Lutas dos Setores
TARDE/NOITE 17h-20h - Grupos Mistos Tema II - Questões Organizativas e Financeiras	NOITE LIVRE	NOITE 19h-20h - Plenária de Encerramento

Fonte: ANDES-SN

Para escutar



Neste episódio do Viração entrevistamos o prof. Daniel Souza, coordenador do Museu Diários do Isolamento (MuDI), um projeto de extensão vinculado ao Núcleo de Estudos Sobre Museus, Ciência e Sociedade.

Ao longo do programa, debatemos o papel dos museus ao construir a memória sobre o tempo presente, o que deve ou não ser objeto de atenção museológica e a amplitude que o digital trouxe para a área.

OUÇA O PODCAST